



Romaria Tele-midiática: um estudo de recepção e das novas configurações de religiosidades¹

Camila Klein SEVERO²

Carlos Renan Samuel SANCHOTENE³

Laura Flain PIFFERO⁴

Viviane BORELLI⁵

Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, Santa Maria, RS

Resumo: Qualquer prática religiosa é um acontecimento complexo que abrange aspectos religiosos, culturais, antropológicos e sociológicos. Entretanto, um ritual específico como uma Romaria, por exemplo, é também um fenômeno midiático, pois envolve processos de midiaticização e abrange relações entre os campos sociais, em que o midiático constrói e estrutura a sua própria cerimônia. A pesquisa estuda como os receptores santa-marienses lidam com a oferta discursiva midiática da Rede Vida na transmissão de uma festa secular – Romaria de Nossa Senhora Medianeira-, produzindo os seus próprios sentidos. A investigação desenvolveu-se num contexto em que os processos midiáticos via televisão representam uma atividade social específica a partir da construção de outras sociabilidades.

Palavras-chave: midiaticização; recepção; religião; Romaria da Medianeira

A Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças é um tradicional acontecimento religioso que tem um forte laço identitário com Santa Maria em que a simbólica da festa e da própria cidade se misturam. A Romaria data dos anos 30 do século passado e atrai centenas de milhares de devotos todos os anos (nos últimos anos, são 300 mil) que percorrem uma distância de aproximadamente três quilômetros, da Catedral Diocesana, no centro da cidade, até o Altar Monumento, na Basílica e Parque da Medianeira, onde é realizada a missa principal marcada para as 10h, mas inicia apenas após a chegada da imagem.

O quadro de Medianeira é transportado numa procissão que dura mais de duas horas e que tem uma hierarquia pré-estabelecida, contando com representantes de vários campos sociais, como religioso, político, econômico, comunitário. Durante essa caminhada são realizadas orações e cantados hinos de louvor a partir da orientação de uma liturgia que tem uma temática específica que muda a cada ano.

Através de operações enunciativas, o dispositivo midiático constrói um outro conceito de religião que não se realiza mais só no âmbito institucional da Igreja, mas na esfera

¹ Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Estudante de graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social: Jornalismo – Centro Universitário Franciscano - UNIFRA/RS, camila_ks@yahoo.com.br

³ Estudante de graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social: Jornalismo – Centro Universitário Franciscano - UNIFRA/RS e bolsista de Iniciação Científica (PROBIC), carlos_sanchotene@yahoo.com.br

⁴ Estudante de graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social: Jornalismo – Centro Universitário Franciscano - UNIFRA/RS, laura_jornal@yahoo.com.br

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, viviborelli@unifra.br



midiática que é marcada por relações de passagem, temporalidade, efemeridade. Esses novos modos de vivenciar a religião através de um acontecimento como a Romaria não ocorrem num processo de mão única, já que os receptores ressemantizam de uma forma singular as várias formas de expressão das religiosidades.

A festa santa-mariense é historicamente atravessada e engendrada por um complexo conjunto de dispositivos técnico-simbólicos de pequeno, médio e grande alcance que operam sobre ela produzindo múltiplos sentidos. Nos anos 30, quando iniciaram os movimentos de devoção já eram produzidos dispositivos de alcance mais limitado para divulgar e apresentar Medianeira – um quadro, criação de um hino, música além de produção de santinhos, panfletos, folhetos. Em relação aos dispositivos⁶ midiáticos de alcance ‘massivo’, há a mídia impressa (anos 30), a radiofônica (anos 40) e, mais recentemente, a televisiva, através da Rede Vida, que transmite a festa ao vivo para todo o Brasil desde 1996.

A entrada da Rede Vida na cobertura ao vivo da Romaria, desde 1996, representa uma reconfiguração dos sentidos dessa *festa*, em que o campo religioso passa a estreitar e desenvolver complexas relações com o dispositivo midiático, que opera como campo a partir de lógicas singulares (BORELLI, 2006). Nesse contexto, os estudos de recepção envolvem uma importante parcela da investigação sobre a midiaticização da religião sob diferentes enfoques, contextos e problemáticas. Para tal, é preciso antes compreender um pouco sobre a tradição dos estudos de recepção.

Contextualização sobre a pesquisa de recepção

A pesquisa sobre o fenômeno da recepção ainda é recente no contexto latino-americano e brasileiro dos estudos da comunicação. Sua ascensão parte no início dos anos 80 com estudiosos que começaram a desenvolver pesquisas empíricas com as audiências da mídia nesse período como Morley (1980 e 1986); Hobson (1982); Ang (1985); Seiter et al. (1989), segundo Lopes (2000). Esses estudos passam a adotar uma nova perspectiva analítica e, no dizer de Lopes (2000), parecem persistir numa inadequação metodológica nas pesquisas empíricas face à construção de uma problemática teórica complexa. Essas teorias não conseguiram fornecer subsídios teóricos para que fosse compreendida tal problemática.

A maioria dos estudos centraliza-se nas mediações que esse processo perpassa, ou seja, estuda-se o papel dos meios na vida cotidiana, a partir das singularidades culturais pertencentes a cada indivíduo ou comunidade. No entanto, “a recepção é então um contexto complexo, multidimensional em que as pessoas vivem o seu cotidiano” (Lopes, 2000, p.

⁶ O dispositivo é um lugar complexo constituído de materialidades e subjetividades, que orienta, hierarquiza e co-determina os sentidos a partir de estratégias.



125). E ainda, as práticas são articuladas por relações de poder que dão um sentido muito mais amplo do que o significado propriamente produzido ou reproduzido dentro dos processos culturais.

Para Gomes (1997) é na recepção e não na emissão que se produz a comunicação e o que caracteriza os estudos de recepção são as reflexões sistemáticas sobre os processos de percepção, negociação e apropriação dos diversos segmentos da audiência. Segundo o autor, o processo de recepção passa por diversos ‘cenários’ que acabam negociando as mensagens, produzindo sentidos ou não. Entende-se por cenário os lugares onde há uma relação de comunicação estabelecida a partir do contato com outros sujeitos produtores de sentidos, tais como, a família, a escola, a igreja, o ambiente de trabalho, etc.

A pesquisa em recepção tende a interessar-se pelas representações e significados que são construídos pelos conteúdos midiáticos. Para isso, métodos qualitativos permitem uma análise mais profunda sobre a complexidade existente no campo simbólico das audiências. De acordo com Porto (2003), experimentos controlados impossibilitam a manifestação de opinião. “Por estas razões, seria interessante combinar experimentos controlados com ‘entrevistas focalizadas’, criando assim um ambiente que possibilita aos entrevistados expressar suas próprias perspectivas” (PORTO, 2003, p. 19).

Dessa forma, autores latinos pensam a comunicação como um processo frente a uma visão multidisciplinar adotada durante suas investigações no campo comunicacional. Atualmente, temos como referencial teórico os trabalhos experimentais metodológicos de Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gómez, German Rey, entre outros, especialmente acerca do popular e da cultura na comunicação

A tradição da pesquisa em recepção iniciou com o *Estudo dos Efeitos* de origem norte-americana onde os receptores eram vistos com uma massa homogênea, que deveria ser persuadida e, para isso, era necessário conhecer o efeito dos meios de comunicação de massa sobre esses indivíduos. Outra linha de investigação da recepção foi a análise das mensagens e dos produtores da indústria cultural que, a partir da concepção teórica da Escola de Frankfurt, acreditavam na passividade dos receptores e de sua manipulação pelos meios.

As produções desse período pecavam em relação a reflexão teórica ou se encontravam fragmentadas impossibilitando uma discussão que ampliasse os estudos sobre audiências. Na avaliação de Lopes (2000, p.123), identifica-se:

(...) nas pesquisas de recepção no Brasil dos inícios dos 80 uma espécie de ‘teorização atrasada’ em relação à reflexão ‘avançada’ que se fazia através da Teoria das Mediações. Eram teorizações ‘atrasadas’ porque marcadas por um forte esquema dualista: ou se privilegiava exclusivamente os modos de reelaboração/resistência/refuncionalização dos conteúdos culturais das classes populares ou se tomava esses



conteúdos como completamente moldados pela ação ideológica das classes dominantes, via meios de comunicação de massa.

A partir dessa deficiência, a tradição da pesquisa latino-americana começa a ganhar força a partir da incorporação das proposições de Martín-Barbero (2004), cujo foco é o espaço cultural do receptor, ou seja, o papel das mediações na configuração da relação entre sujeito-receptor e meios de comunicação. Esse sujeito resiste à lógica midiática a partir da identificação das negociações ressignificando os conteúdos ofertados pela mídia.

Com a relação cultura/comunicação passa-se a enxergar a comunicação no lugar em que as pessoas vivem, e onde elas se posicionam. No contexto das mediações sociais, não é possível compreender os processos de comunicação se eles não forem colocados dentro das dinâmicas sociais, mas sim, considerando como os meios são apropriados pelas dinâmicas culturais. Nesse sentido, a recepção é vista por muitos autores como um novo lugar para se pensar os meios de comunicação.

Esse novo enfoque aponta a recepção dentro do contexto social levando-se em consideração todos os fatores, todas as mediações que permeiam esse processo. A recepção é, portanto, um processo de produção de sentidos que se faz através das mediações. O estudo dessa produção de sentidos é defendido por Jacks (1999) ao afirmar que a partir do âmbito das mediações, os processos de comunicação podem ser configurados, já que o receptor, também produtor, é uma das principais mudanças desse enfoque da comunicação.

Essas mediações podem ser determinadas pela capacidade de produção de sentidos de cada indivíduo e a apropriação dos bens culturais que é singular, podendo ser definido pela sua história de vida, hábito, costume, tradição, etc. Nessa perspectiva, Barbero diz que as mediações são os lugares nos quais se produz e se efetiva a comunicação e é, também, um espaço para pensar a comunicação a partir da cultura. A partir dessa apropriação dos bens culturais que é singular, o receptor tem o poder de decodificar a mensagem de forma negociada e produzir significados.

Nos últimos anos, têm sido desenvolvidos alguns estudos⁷ específicos sobre a recepção de produtos religiosos, apontando questões como a reconfiguração do mercado religioso da fé, a constituição de uma comunidade de sentido singular, a compreensão de

⁷ Sierra Gutiérrez (2006) analisa a Rede Vida, verificando através de leitura de programas devocionais e de mecanismos da recepção, novas “reconfigurações da religiosidade”. Gasparetto (2006) observa a criação de outras formas de pertencimento, que geram um novo formato de comunidade religiosa. Bastian (2005) constata a busca da cura por parte dos receptores que estabelecem vínculos com o midiático através da enunciação dos programas. Já Alves (2001) analisa do ponto de vista da recepção do Círio de Nazaré, a existência e o funcionamento de um grupo de telespectadores que participam e assistem partes da romaria midiaticizada.



como os receptores formulam seus próprios sentidos acerca dos programas religiosos, além da constatação de tipologias de públicos receptores.

Estratégias metodológicas

Optou-se realizar a pesquisa através da aplicação de técnicas como da observação e entrevista, especialmente com católicos residentes em Santa Maria e que já participaram da Romaria presencial, mas que por distintas razões passam a acompanhar a recepção televisiva em suas residências.

Foram realizadas observações para poder mapear distintas situações de recepção afim de estabelecer tipologias de recepção em relação à Romaria Tele-midiática. O requisito principal era ser católico e ter vínculos com a Romaria para que fosse possível compreender como a festa foi se transformando para essas pessoas e caminhando na direção de uma religião que é atravessada pela midiaticização.

Para tal, uma estratégia adotada foi utilizar como mecanismo de divulgação o jornal comunitário da Diocese de Santa Maria, O Santuário, a rádio católica local, Medianeira AM, onde foram detalhados os propósitos da pesquisa, buscando identificar possíveis receptores. Além disso, aplicaram-se cerca de 30 questionários em paróquias do centro e interior da cidade após a missa dominical, e ainda, foi realizado um contato por telefone com as secretarias das paróquias. A partir de todas essas ações, foram identificadas 17 pessoas que assistiriam pela televisão.

Entre os critérios da escolha dos entrevistados foram observados o acesso e a disponibilidade dos receptores para participar da pesquisa. Num total de 17 possíveis entrevistados, foram escolhidos 11 por questões de receptividade e acessibilidade. Destes, uma tem mais de 90 anos, uma tem entre 80-90, duas estão na faixa dos 70-80 e sete têm entre 60-70 anos. É preciso levar em conta que a grande maioria dessas pessoas tem limitações físicas e problemas de saúde, alguns dos motivos principais que as fazem assistir pela televisão.

Foram entrevistadas onze pessoas em quatro lugares distintos. Entretanto, no momento da transmissão que aconteceu das 9h 30min às 11h do dia 11 de novembro de 2007, foram acompanhadas nove pessoas. Duas, portanto, assistiram sozinhas e foram entrevistadas no dia seguinte.

Além da entrevista, foram observados os momentos da midiaticização, acompanhando-se receptores em quatro ambientes distintos: uma residência na região central de Santa Maria, onde se acompanhou uma devota; uma residência em Camobi, região leste, onde foi observado um casal; uma residência no distrito de Boca do Monte, localizado a 15



quilômetros de Santa Maria onde duas mulheres receberam em sua casa três vizinhas para assistirem juntas e, ainda, um ambiente institucional (Clínica Geriátrica Nossa Senhora de Lourdes), onde se assistiu à Romaria com uma idosa.

Os receptores e suas mediações

De acordo com Martín-Barbero (2004), as mediações constituem-se nas ações e momentos, os lugares em que ocorrem os sentidos da comunicação. E ainda, a cultura torna-se a principal mediadora do processo comunicacional. Para Jacks (1999), conhecer o cotidiano que o indivíduo está inserido é uma forma de captar certas práticas que ajudam a conhecer a cultura de grupos sociais. Segundo a autora, “também é onde algumas instituições básicas que estruturam o ‘campo cultural’ atuam de forma mais expressiva, como a igreja, a escola, os meios de comunicação, etc” (JACKS, 1999, p. 131).

Dessa forma, o pré-roteiro utilizado valorizou aspectos como características sócio-culturais, histórico midiático e religioso, a fim de compreender os sentidos religiosos elaborados pelos receptores após a transmissão da Romaria pela Rede Vida. Na pesquisa, foram exploradas as relações familiares com a religião, a experiência midiaticizada, os assuntos paralelos durante a transmissão e a percepção da Tele-Romaria.

Para melhor sistematizar os dados do trabalho de campo, inicialmente caracteriza-se cada um dos receptores, os designando como R1, R2, R3 e assim por diante. Após, descrevem-se trechos das entrevistas, fazendo-se uma breve análise geral, classificando cada enunciado como E1, E2, E3 e assim sucessivamente.

R. 1 – Guilhermina Delamea Chlosser, 92 anos, viúva, aposentada como agricultora. (Católica. Não vai à Romaria há uns 10 anos por questões de saúde).

R. 2 – Leda Mazzorani, 62 anos, casada, aposentada como costureira. (Católica. Sempre foi à Romaria, mas deixou de ir há alguns anos para cuidar de uma tia).

R. 3 – Irene Bordin Moretti, 60 anos, casada, aposentada como agricultora. (Católica. Nunca foi à Romaria).

R. 4 – Maria Schultz, 69 anos, casada, aposentada como dona-de-casa. (Católica. Nos últimos dois anos deixou de ir porque comprou uma casa no distrito da Boca do Monte).

R. 5 – Ingracia Reginatto, 73 anos, solteira, aposentada como dona-de-casa. (Católica. Foi só uma vez à Romaria).

Local das entrevistas: casa de Guilhermina Delamea Chlosser, distrito de Boca do Monte, Santa Maria, RS, em 11/11/2007.

R. 6 – Enídio Amadeu Weise, 63 anos, casado, aposentado como comerciante. (Católico. Sempre foi à Romaria. Não vai há 10 anos por questões de saúde).



R. 7 - Flávia dos Santos Weise, 62 anos, casada, dona-de-casa. (Católica. Sempre foi à Romaria. Não vai há 2 anos por questões de saúde).

Local das entrevistas: casa da família, Bairro Camobi, Santa Maria, RS, em 11/11/2007.

R. 8 – Leonida Carolina Totto, 76 anos, viúva, pensionista. (Católica Sempre foi à Romaria. Há 2 anos assiste pela Rede Vida).

Local da entrevista: Clínica Geriátrica Nossa Senhora de Lourdes, bairro Nossa Senhora de Lourdes, Santa Maria, RS, em 11/11/2007.

R. 9 – Odila Carilo, 87 anos, viúva, pensionista. (Católica. Participou presencialmente da Romaria por 30 anos. Há 1 ano deixou de ir. Entrevistada no dia seguinte à transmissão).

R. 10 – Maria Joaquina Ticks, 89 anos, viúva, 2 filhos, pensionista. (Católica. Sempre foi à Romaria. Há 2 anos não vai Entrevistada no dia seguinte à transmissão)

Local das entrevistas: Clínica Geriátrica Nossa Senhora de Lourdes, bairro Nossa Senhora de Lourdes, Santa Maria, RS, em 12/11/2007.

R. 11 – Maria Luiza da Luz, 60 anos, separada, cozinheira. (Católica. Acompanha a Romaria pela Rede Vida desde 2003. Deixou de ir por limitações físicas e problemas de saúde).

Local da entrevista: Bairro Dores, Santa Maria, RS 11/11/2007

Família e religião

Torna-se fundamental a análise do contexto religioso como mediação do processo que visa identificar e compreender os conceitos de religiosidade que cada receptor elabora a partir do processo de mediação pela Rede Vida. De acordo com Martín-Barbero, citado por Orozco-Gomes (2000), a ritualidade está relacionada à rotina de certas práticas que configuram e determinam a produção de sentidos dos indivíduos. Logo, a experiência religiosa familiar reflete nas ressemantizações dos sentidos da Romaria que são negociados, construídos e percebidos pelos receptores.

A forma como os entrevistados falam de suas práticas religiosas, abrem-nos caminhos para compreender o processo pelo qual cada um constrói sentidos singulares frente à Tele-Romaria. Isso porque, acima de tudo, relatam experiências próprias, refletidas a partir de histórias de vida e social diferentes. No entanto, alguns aspectos tornam-se comuns já que partilham, pelo menos, uma mediação comum: a mesma religião.

A frequência nas práticas religiosas como missas e orações no âmbito familiar são hábitos rotineiros praticados por todos entrevistados. Pelo menos uma vez na semana, eles vão à missa em igrejas.

E1: “O pai ensinava nós desde pequenas que antes de dormir, lá na cama, a gente tinha de rezar! Hoje, *nós rezamos sempre*” – **Irene.**

E2: “*Desde que nasci sou católica.* Eu sou fanática, o meu prazer é rezar. Para mim, a religião é tudo” – **Odila.**



E3: “*A religião é uma força, é o que nos sustenta. Quando estamos desesperados, com problemas sabemos que podemos contar com Deus. Graças a Deus toda a minha família é bem religiosa*” – **Leda.**

E4: “*Às vezes a gente não vai muito a Igreja, mas a fé da gente sempre se conserva. A fé faz superar coisas*” – **Maria.**

E5: “*Sem a fé a gente não consegue carregar os problemas do dia-a-dia. A gente vive os 10 mandamentos*” – **Flávia.**

E6: “*A religião faz parte da vida da gente. Não haveria sentido se a gente vivesse sem fé*” – **Enídio.**

E7: “*Não tem como dizer desde quando sou católica, por que nasci assim. Eu casei com um maçom, mas nos casamos na igreja católica*” – **Maria Joaquina.**

E8: “*Toda a família é católica. Não estou todos os domingos na Igreja, mas eu tento passar para eles a fé, porque a fé em Deus é tudo*” – **Maria Luiza.**

E9: “*Não gosto dessas religiões de gestos, pedir, implorar, gritar. Tenho uma formação desde a infância e não concordo com esse tipo*” – **Leda.**

E10: “*Sempre fui católica. Nunca tivemos curiosidade. Eu acredito até que o espiritismo seja uma coisa boa, agora não pode confundir com esses batuque, isso a gente passa longe, isso faz mal*” – **Enídio.**

E11: “*Não tem como dizer que vou passar para outra religião, fui criada assim participei de batizado, missa, meu casamento tudo como católica.*” – **Leonida.**

E12: “*Para as outras religiões é só a deles que é boa e que presta. Nunca vieram me pedir mas se pedirem eu vou (participar de outra religião)*” – **Odila.**

E13: “*Não há nada que me afaste da minha religião, nunca troquei sempre fui assim*” – **Maria Joaquina.**

E14: “*Não tem diferença entre uma religião e outra por que Deus é um só. Eu freqüentaria outras religiões e já fui até em sessão espírita*” – **Maria Joaquina.**

De um modo geral, todos exercem suas religiosidades consolidadas por práticas familiares, ou seja, nasceram e cresceram no catolicismo (**E1**, **E2** e **E7**), mostrando que a fé é cultivada e renovada pelos laços familiares.

O fato de a família também ser católica é ressaltado com uma característica positiva, mostrando que há união em torno de uma mesma fé (**E1**, **E3** e **E8**).

Nota-se que as práticas religiosas também sofrem alterações com o passar dos tempos, mas a fé é vivenciada de outros modos que não necessariamente a presença no templo religioso (**E4** e **E8**). A fé é cultivada no dia-a-dia, firmando suas experiências apoiadas nela, motivo que os fazem ter esperanças e darem sentidos à própria vida (**E3**, **E4**,



E5, E6 e E8). Mesmo que a fé seja exercida por todos de distintos modos, projeções e expectativas, alguns levam essa prática ao extremo (**E2 e E5**).

Questionados sobre as diferenças entre o catolicismo e outras religiões, bem como se eles freqüentariam outras igrejas, cultos ou encontros se fossem convidados, a maioria não hesita. Apenas uma entrevistada diz não haver problemas e que, inclusive, já participou de uma sessão espírita (**E14**). Outro entrevistado até acredita no espiritismo (**E10**), no entanto, questiona essas práticas e outras manifestações religiosas. Uma terceira entrevistada também faz questionamentos, mas não vê problemas em freqüentar, caso fosse convidada (**E12**).

Percebe-se que as práticas religiosas dos católicos entrevistados são tão presentes e introjetadas em suas vidas que acabam sendo reafirmadas pela falta de interesse em buscar algo diferente. Essa resistência a outras religiões pode estar ligada ao fato de o catolicismo ser uma religião conservadora ou também pela própria vivência e experiência dos entrevistados, todos com mais de 60 anos. A maioria foi criada desde criança na fé católica e esse fato acaba exercendo pressão pela permanência na religião, já que há um certo receio por freqüentar outros ambientes religiosos que contrariam as práticas católicas (**E9, E10, E11 e E13**).

O fato de outras religiões serem praticadas de um modo distinto da católica é apontado também como pretexto para não haver uma troca ou mesmo vontade de conhecê-la. A expressão dessas outras práticas é considerada exagerada (**E9, E10 e E12**).

Outra mediação presente no processo de recepção da Romaria pela Rede Vida é a comunidade de referência, onde se observam falas que apontam para reconhecimentos entre quem está em casa e aqueles que estão no lugar do acontecimento. Além disso, como os receptores têm uma vivência anterior presencial com a festa, acabam por apontar aspectos que mudaram com o passar dos tempos, relacionando com fatos vividos e lembrados no momento da mediação.

Reconhecimento e comunidades de referência como construção simbólica

São várias as mediações envolvidas na relação entre o receptor e o que ele vê, caracterizando uma complexidade de negociações e possibilidades de significações. Parte-se do que Orozco-Gomes (2000) chama de “mediações individuais”, constituídas por complexas características que condicionam a relação do receptor com a televisão. Essa mediação proposta pelo autor parte de individualidades cognitivas e estruturais, isto é, elementos que constroem estruturas mentais e emocionais que processam o conhecimento e a produção de sentidos.



Ainda segundo o autor, comunidades interpretativas tem a função de definir o sentido da interação através de um grupo de pessoas reunidas socialmente a partir de uma combinação específica de mediação, nesse caso a religião. Desse modo, surgem maneiras específicas de ver os meios de comunicação. Primeiro, é feita uma análise geral sobre os sentidos de reconhecimento dos receptores e, a seguir, considerações sobre a experiência individual.

E15: “Olha lá *uma de pé no chão!* Uma vez meu pai fez uma promessa de ir de pé no chão e ele foi” – **Irene.**

E16: “O *padre Valle foi o primeiro a falar de Medianeira.* Eu ainda era solteira e lembro que da Bélgica veio um santinho e uma guria, que depois foi irmã franciscana, fez uma pintura perfeita dela” – **Guilhermina.**

E17: “Ainda bem que tiveram a idéia de *fazer essa cripta* porque onde é que vão botar essa quantidade de gente?” – **Flávia.**

E18: “Que visão bonita. *Esse altar foi bem projetado* lá em baixo. Dá pra se ver tudo na TV” – **Leda.**

E19: “Vê se enxerga o Roberto (irmão) lá. (...). *Olha lá o Roberto* de novo. (...) Eu já disse pro mano cortar aquele cabelo melhor.” – **Flávia.**

E20: “*Olha lá uma mulher de manga curta* e parece que está com frio”. Sabe a Ana, pois é, ela foi esperta e vestiu o gurizinho com uma manga para não passar frio – **Irene.**

E21: “São 300 mil, né? Mas *como eles contam?* No ano passado foi quanto?” – **Irene.**

E22: “Meu Deus, *quanta gente*” – **Ingracia.**

E23: “Olha lá. *Uma pessoa tem que tá boa da coluna* para passar uma procissão inteira carregando uma criança nas costas” – **Enídio.**

E24: “Eu tenho uma emoção muito grande. O *meu irmão está lá sempre ajudando*, isso é uma graça” – **Flávia.**

E25: “Quando fazia aquela curva, dobrava e passava em frente ao hospital eu não gostava também, *me dava uma falta de ar*, uma sensação tão ruim” – **Maria.**

E26: “*Eu tinha combinado de ir com a minha vizinha*, porque eu tava boa, mas esse Joelho aqui eu não posso dobrar e andar pra lá e pra cá de ônibus e sobe e desce, estourou essa semana, daí não deu” – **Flávia.**

E27: “Santa Maria fica cheia, a gente *quando vai deixa o carro lá na Igreja de Fátima* porque senão os carros particulares não conseguem sair” – **Leda.**

E28: “Ao ver Nossa Senhora, *lembrei de momentos que eu participava lá* e, é claro, pedi e agradei muito” – **Leda.**



Existem vários aspectos da vida cotidiana que intervêm no processo de recepção. Esses aspectos dependem muito mais dos receptores enquanto indivíduos do que dos próprios meios de comunicação, já que eles, enquanto sujeitos sociais, interagem com uma série de questões que direcionam seu modo de ver e de interpretar o que as mídias produzem e ofertam. O fator mais presente continua sendo relativo à família (**E15, E19, E20 e E24**), com referências a pais, irmãos e vizinhos. Isso mostra que mesmo havendo uma certa individualidade, há sempre conexões e relações com mediações mais amplas, como a familiar.

A mediação se manifesta por meio de ações e de discursos como nas condições situacionais, no que o receptor vê e comenta a partir de suas próprias experiências com os lugares onde ocorre a Romaria (**E17 e E18**). Isso só é possível porque há uma vivência anterior à midiatização, ou seja, a participação na festa presencial acaba sendo um fio condutor das negociações de sentidos acerca da midiatização.

Além disso, o intelecto das pessoas e suas emoções são também mediações muito fortes na recepção da Romaria, já que cada um pode relacionar outros aspectos, como o religioso, cultural ou familiar, de modo a gerar novas cognições (**E16, E21 e E22**).

A midiatização da Romaria acaba por remeter e relembrar os momentos vivenciados pelos receptores enquanto romeiros praticantes da pregação. Por mediações cognitivas diversas, cada um recorda de aspectos distintos que são acionados da memória no momento da transmissão televisiva, como mudanças no trajeto (**E25**), questões de saúde (**E23 e E26**), dificuldade de acesso ao local (**E27**) e os próprios sentidos de religião (**E28**).

A percepção do processo de midiatização da Romaria

Para compreender como os receptores constroem sentidos sobre a Tele-Romaria é fundamental conhecer o funcionamento do processo de midiatização, que Gomes (2006) avalia no âmbito de um processo social complexo engendrado por mecanismos de produção de sentido social. Para o autor, “a midiatização é a reconfiguração de uma ecologia comunicacional” (GOMES, 2006, p. 121). Ou seja, através desse processo é possível compreender o funcionamento da mídia e da sociedade que está, cada vez mais, se auto-percebendo a partir do fenômeno midiático.

Segundo Verón (1997), a mídia ocupa um lugar central na sociedade, relaciona-se tanto isoladamente quanto simultaneamente podendo, inclusive, ser a única forma de ligação entre ambos. Para o autor, as lógicas midiáticas afetam os modos com que os campos e seus sujeitos se relacionam.



O processo de midiaticização acaba alterando questões históricas e experiências individuais, que através de uma outra leitura da Romaria dão sinais de que são, cada vez mais, midiaticizadas. Mesmo que a transmissão pela Rede Vida seja a mesma para todo o Brasil, o modo com que os receptores/ex-romeiros a interpretam é singular. As leituras denotam marcas de uma vivência que vai se transformando, mas que a todo momento é perpassada por fatores relativos à experiência anterior. Os receptores constroem vínculos com a Tele-Romaria, avaliando e construindo o seu lugar específico.

E29: “*Lá continua a missa, só terminou aqui, na TV*” – **Leda.**

E30: “*Os flashes conseguiram mostrar a saída da Catedral, o acompanhamento da procissão. Eles não se prenderam numa coisa só, eles mostraram as coisas bem diferenciadas*” – **Leda.**

E31: “*Talvez ano que vem seja melhor. A Rede Vida deveria dar oportunidade para nós aqui do sul de ver a nossa padroeira do início ao fim*” - **Maria Luiza.**

E32: “*Ano passado achei pouco tempo de transmissão esse ano teve mais espaço*”- **Leonida.**

E33: “*Sempre eles fazem algumas modificações na transmissão, mas é mais um ano que a gente recebe a graça de Deus. A religião é a mesma tanto aqui como lá presente (na Romaria)*”- **Odila.**

E34: “*Ano passado mostrava muito político, esse ano não mostrou, apareceu só a comunidade, as pessoas que estavam ali para receber e agradecer*” - **Maria Luiza.**

E35: “*O apresentador explicou bem o que iria acontecer, o motivo, a beatificação, as relíquias. O problema é quando falam muito, pregam demais e se tornam repetitivo. Mas hoje foi bem claro e motivador*” – **Leda.**

E36: “*Achei muito boa a apresentação do repórter. Ele me toca sabe? Por que eu sou muito devota da Medianeira*” – **Maria Joaquina.**

E37: “*Hoje de tarde vou comentar com as vizinhas, ‘olha, tu não assistiu na TV a Romaria? Então, tu perdeu porque a transmissão estava muito bonita’*” – **Irene.**

E38: “*Gostei foi das crianças encenando na Romaria*” – **Ingracia.**

E39: “*Bonitos foram os cartazes com aquelas palavras bonitas*” – **Guilhermina.**

E40: “*Isso aí é a imagem já produzida, não é ao vivo*” – **Enídio.**

E41: “*É ao vivo sim, pai. Ali é recém o começo, olha a Igreja do Mediador*” – **Flávia.**

A construção da Romaria midiaticizada elaborada pelos receptores passa pela compreensão de determinadas condições e negociações estabelecidas através de 'contratos de leitura' que podem ser definidos como “conjunto de normas e prescrições que um discurso em produção propõe-se prevê no sentido do receptor observá-lo como condição de



interpretação” (Fausto Neto, 1996, p.20). Logo, a relação entre produção e recepção não é linear, pois cada um produz sentidos através de relações complexas, já que cada sujeito percebe a Tele-Romaria de um determinado modo.

Uma outra forma pode ser explicada através das Mediações Institucionais, proposta por Orozco-Gomes (2000), que diz respeito à situação da recepção. Neste caso, não é o mesmo acompanhar a procissão presencialmente e televisivamente, assim como em grupo (família e amigos) ou sozinho. Outro fator de extrema relevância para esse caso de mediação confere às condições de recepção dos receptores aqui analisados: todos já participaram da procissão, o que confere uma situação crucial para a produção e elaboração dos sentidos frente à mediação da Romaria.

Cada entrevistado avalia a transmissão de forma distinta: alguns relacionam com edições anteriores (**E32**, **E33** e **E34**), outros julgam o papel do apresentador e repórteres (**E35** e **E36**), bem como da Rede Vida e sua relação pessoal com a emissora, demarcando o seu espaço individual (**E31**).

Além disso, denotam noções de edição, apontando diferenças entre ao vivo e gravado (**E40** e **E41**), o presencial e o mediado (**E29**). Isso só é possível por pelo menos duas questões: o fato de conhecerem os rituais religiosos e também de saberem que a televisão seleciona e define o que mostrar, deixando de fora outros momentos que poderiam ser televisionados.

Cada um avalia a transmissão, elegendo partes e momentos que considera mais importante e significativo para suas vidas, segundo distintas mediações. A mediação da Romaria torna-se um fato importante na rotina das pessoas, a ponto de ser motivo de comentário durante o dia (**E37**), avaliando-a de forma positiva em termos estéticos, performativos (**E38**) ou informativos e educacionais (**E39**).

Em função da experiência anterior, os receptores fazem referências e distinções entre a Tele-Romaria e aquela presencial a partir de mediações próprias, seja mencionando aspectos relativos à família, fé, cotidiano, lazer.

E42: “Pela televisão, *a gente consegue pegar os momentos mais importantes* porque se a gente está lá se distrai. Já a televisão mostra passo a passo, com detalhes. Aqui a gente vê e ouve melhor. Se a gente for lá é quase que nem ir num passeio” – **Leda**.

E43: “Pela televisão *a gente até se concentra mais* porque nas partes principais você se concentra mais do que lá, onde um empurra outro. Aqui tu consegue se concentrar e fazer uma oração” – **Enídio**.

E44: “Tendo em casa a Nossa Senhora Medianeira, é só pegar e botar junto da televisão. *É a mesma coisa que estar lá*” – **Irene**.



E45: “*Assistindo pela televisão a gente se reconhece na religião da mesma forma que se estivesse lá*” – **Leda**.

E46: “*Não tem nenhuma desvantagem em olhar pela TV porque a gente tá vendo e ouvindo a fala de Deus, mas é um evento religioso que estamos assistindo.*” – **Leonida**.

E47: “*Esse ano estou acompanhado pela TV, que é a mesma coisa. A reza é mesma. O que eu rezo lá, eu rezo pela TV também*” – **Odila**.

E48: “*Em casa, a emoção é muito grande, tu consegue acompanhar, se concentra e vê as pessoas de fé. Em casa, tu assiste melhor, é mais confortável. Só eu esqueci de pôr o copo da água ali, na TV. O pessoal brinca que a TV vai tomar água, mas depois de benta eu tomo*” - **Maria Luiza**.

E49: “*Ao assistir pela TV me emocionei como se eu estivesse lá, porque é um sentimento verdadeiro*” – **Guilhermina**.

A percepção da Tele-Romaria é avaliada como um aspecto positivo para a maioria dos entrevistados, embora nenhum achasse desvantagem assistir pela TV. A midiáticação é melhor do que a presencial principalmente pelo conforto do próprio lar (**E42, E43 e E48**), já para outros tem o mesmo valor (**E44, E45, E46 e E47**). Outro aspecto levantado refere-se aos sentimentos de emoção e fé que podem ser reforçados através da midiáticação (**E45 e E48**). No entanto, esse mesmo sentimento não apresenta nenhuma diferença entre o presencial e o midiaticado (**E47 e E49**).

O principal aspecto abordado aparece na concentração através da TV, com uma melhor observação nos detalhes que, talvez na procissão presencial, não se pode perceber por diferentes fatores intervenientes (**E42, E43 e E48**).

Considerações finais

O objetivo principal da pesquisa foi compreender como são construídos os vínculos entre os receptores e a Tele-Romaria da Medianeira a partir de estudo de recepção da transmissão pela Rede Vida de Televisão.

Com distintas motivações, cada um dos receptores mostrou que lida com a oferta discursiva tele-midiática de forma singular, produzindo os seus próprios sentidos. Isso só é possível a partir das entrevistas realizadas com cada um dentro de seus contextos e de suas mediações, conforme descritas ao longo da pesquisa. Na observação de campo, quando os receptores foram acompanhados em seus lares, e durante as entrevistas, notou-se que tão diversos são os processos de preparação para a midiáticação, a vivência durante as quase duas horas de transmissão da Romaria pela televisão, os sentimentos e as vinculações entre o



mundo da fé e o pessoal. Há atravessamento de questões midiáticas e elas diferem de receptor para receptor, a partir de mediações também singulares.

Mesmo sendo um estudo que abrange um contexto mais reduzido por reunir apenas entrevistados santa-marienses que já participaram da Romaria de forma presencial, pôde-se observar que a compreensão dos modos com que a sociedade hoje é perpassada pela midiatização só é possível através da experimentação teórica-metodológica e empírica proporcionada pela pesquisa.

Os estudos em recepção conseguem apontar pequenos fragmentos e algumas facetas dos modos com que os sujeitos sociais vivenciam suas próprias experiências em distintos campos. E esses indícios trazidos pela pesquisa denotam que cada vez mais a experiência, seja individual, familiar, social ou, religiosa é, sobretudo, midiatizada.

Referências bibliográficas

BORELLI, Viviane. **From the celebration to the eyes of the media: the media strategies of Rede Vida in building the religious event – “The Tele Romaria of Medianeira”**. Paper apresentado no Porticus Fellow’s Research Seminar. Sigtuna, Suécia, 4 e 5 de julho de 2006.

FAUSTO NETO, Antonio. **Televisão e vínculo social. Telejornal - modos de recepção e posições de leituras**. São Paulo: Trabalho apresentado na Compôs, 1996.

GOMES, Pedro Gilberto. **A Filosofia e a ética da comunicação na midiatização da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

GOMES, W. S. **Estudos Críticos e Estudos de Linguagem na Pesquisa em Comunicação**. INTERCOM (São Paulo), São Paulo, SP, 1997.

JACKS, Nilda. **Querência – Cultura Regional como Mediação Simbólica**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Uma metodologia para a pesquisa das mediações**. In: Coletânea Mídias e Recepção/ 2000. PPG Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Unisinos e Compôs, 2000. p. 119-139.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Razón técnica y razón política: espacios/tiempos no pensados**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, Año I, Numero 1, Julio/Diciembre 2004. São Paulo: ALAIC, 2004.

OROZCO-GOMES, G. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. México: Universidade nacional de la Plata, 2000.

PORTO, Mauro P. **A pesquisa sobre a recepção e os efeitos da mídia: propondo um enfoque integrado**. Trabalho apresentado ao XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Belo Horizonte, Brasil, 2 a 6 de setembro de 2003.

VERON, Eliseo. **Esquema para el análisis de la mediatización**. In Revista Diálogos de la Comunicación, n.48, Lima: Felafacs, 1997.